Das nominalizações em *-ada* (que, na verdade, não são nominalizações em *-ada*!) derivadas de verbos: dando mais uma investigada no assunto

On -ada nominalizations (which, in fact, are not -ada nominalizations at all) derived from verbs: a further investigation into the matter

Alessandro Boechat de Medeiros[1]

alboechat@letras.ufrj.br

RESUMO: Este trabalho se propõe a retomar as nominalizações em **-ada** derivadas de verbos (tema caro à homenageada) e mostrar, usando ferramentas da semântica formal (Heim; Kratzer, 1998) associadas a uma decomposição sublexical (Parsons, 1990) sintática nos moldes da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997, 2013a), como chegamos ao seu significado típico e como esse significado interage com as CVLs (com o verbo **dar**) em que ocorre.
PALAVRAS-CHAVE: nominalizações; estrutura argumental; morfologia; Morfologia Distribuída

ABSTRACT: This paper aims to revisit **-ada** nominalizations derived from verbs (a topic dear to the honoree) and to show, using tools from formal semantics (Heim; Kratzer, 1998) combined with a sublexical (Parsons, 1990) syntactic decomposition along the lines of Distributed Morphology (Halle & Marantz, 1993; Marantz, 1997, 2013a), how their typical meaning arises and how this meaning interacts with the LVCs in which they occur.
KEYWORDS: nominals; argument structure; morphology; Distributed Morphology

Introdução

Meu objetivo neste trabalho é discutir as chamadas nominalizações em **-ada** deverbais, assunto caro à homenageada neste número e que foi, inclusive, o tema de sua tese de doutorado (Scher, 2004). Aqui, proporei, divergindo um pouco de Scher (2004, 2006), alinhado com Medeiros (2008, 2010), que (1) essas formas não são de fato nominalizações em **-ada**, mas nominalizações de particípios passados; e (2) essas formas não incluem um morfema diminutivizador (Scher, 2006) ou detelicizador (Basso, manuscrito), mas os efeitos correspondentes decorrem principalmente de sua interação com as CVLs (construções com verbos leves; Scher, 2004) que as albergam. Com efeito, a base deste trabalho está contida em Medeiros (2008; 2010); mas desenvolverei mais detalhadamente o seu cálculo semântico, considerando as

[1] Professor Associado do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLIN) da mesma instituição.

propostas de Medeiros (2018) e Medeiros (2024), e mostrarei como lidamos com sua composição semântica dentro das CVLs em que ocorrem, o que não foi feito nos trabalhos já citados.

O texto tem a seguinte organização. A seção abaixo mostra que as nominalizações em **-ada** derivadas de verbos não são nominalizações em **-ada**, mas nominalizações de particípios passados desses verbos. A seção seguinte apresenta detalhadamente a composição semântica da nominalização e sua interação com a CVL em que ocorre. Na última seção, resumo os achados da pesquisa e discuto brevemente casos de CVL com nomes eventivos simples.

1. Da estrutura morfossintática das "nominalizações em -ada"

As nominalizações em **-ada** deverbais possuem algumas características que me levam a defender a ideia de que são derivadas dos particípios passados dos verbos correspondentes (cf. Medeiros, 2008; 2010).

Os dados mostram que se houver mais de um particípio passado disponível para o verbo que servirá de base para a nominalização, é o particípio tipicamente associado ao tempo composto, o mais regular disponível, que estará na base dessas nominalizações. Quando, por outro lado, não há particípio regular disponível, a nominalização em **-ada** ou será agramatical ou se formará a partir do particípio irregular ou envolverá um particípio regular emergente na língua.

Tomemos os exemplos abaixo para comparação:

(1) a. João tinha imprimido/impresso os documentos.
b. Os documentos tinham sido impressos/imprimidos pelo João.
c. João deu uma imprimida/*impressa nos documentos.

Aqui, o verbo *imprimir* possui duas formas participiais, licenciadas nos tempos compostos e na voz passiva; no entanto, para gerarmos a nominalização em **-ada** correspondente, só a forma mais regular, com o acréscimo do sufixo **-do** ao tema verbal, pode ser usada.

Em (2) a seguir, apresento uma lista de verbos com particípios passados irregulares. Na coluna mais à esquerda, encontra-se o verbo no infinitivo; na coluna do meio, temos formas participiais que podem ocorrer nos tempos compostos e na voz

passiva; finalmente, na coluna à direita, formas (possíveis e impossíveis) para a nominalização em *-ada* correspondente.

(2)

abrir	?abrido/aberto	?aberta/?abrida
aceitar	aceitado/aceito	aceitada/*aceita
acender	acendido/aceso	acendida/*acesa
cobrir	?cobrido/coberto	?cobrida/?coberta
comprimir	comprimido/compresso	comprimida/*compressa
despertar	despertado/desperto	despertada/*desperta
dizer	dito	*dita
eleger	elegido/eleito	?elegida/*eleita
escrever	?escrevido/escrito	?escrevida/?escrita
expulsar	expulsado/expulso	expulsado/*expulsa
fritar	fritado/frito	fritado/*frita
imprimir	imprimido/impresso	imprimido/*impressa
morrer	matado/morto	matado/*morta
pagar	pagado/pago	pagado/*paga
pôr	posto	*posta
pegar	pegado/pego	pegada/*pega
prender	prendido/preso	prendida/*presa
soltar	soltado/solto	soltada/*solta
suspender	suspendido/suspenso	suspendida/*suspensa
ver	visto	vista
vir	vindo	vinda

Quadro 1: particípios irregulares de verbos

Gostaria de chamar a atenção para alguns verbos que possuem particípio irregular: **abrir**, **cobrir**, **dizer**, **escrever**, **pôr**, **ver** e **vir**[2].

[2] Segundo a norma de referência, esses verbos possuem somente particípios irregulares. Para alguns falantes, como o autor deste trabalho, o mesmo acontece, considerando as formas regulares marginais. Mas, como bem apontado por um dos pareceristas, alguns desses verbos, como **abrir**, **cobrir** e **escrever**, apresentam formas regulares plenamente aceitáveis para muitos falantes. Ou seja, são aceitáveis as formas **abrido**, **escrevido** e **cobrido**. Alguns desses particípios são considerados na discussão a seguir. De todo modo, haver ou não essas formas não coloca problemas para o argumento a

Com relação ao verbo **abrir**, encontrei algumas ocorrências no Google em que a nominalização em **-ada** correspondente era derivada do particípio irregular; mas também encontrei ocorrências com uma forma regular do particípio, que vem se tornando cada vez mais comum, como se vê nos exemplos abaixo:

(3) a. "No dia 2 Fevereiro lá **deu uma aberta no tempo** e lá fui eu novamente para o meu escape, desta vez da parte da manhã para o choco e da parte..." (https://pescaaqui.blogspot.com/2014/02/epoca-das-douradas-parte-2.html)

b. "Cê **deu uma abrida** na janela, só pra conferir aqui, ó. A hora que vai, né? A hora que vai dar o quique. Certo. Só pra ele não pra eu não ..." (https://www.instagram.com/cambota/reel/DGifZrZuspL/)

Verifiquei se havia usos de um particípio regular em tempos compostos com o verbo **abrir** e encontrei alguns exemplos. Veja-se (4) abaixo. Isso quer dizer que, para muitos falantes, existe uma forma regular de particípio passado para o verbo **abrir** que ocorre (mesmo que nem sempre) em tempos compostos. Mas o fato de haver muitas ocorrências de nominalizações em **-ada**, baseadas na forma irregular do particípio, é um indício forte de que esta nominalização é, de fato, derivada do particípio passado, e não do tema verbal seguido de uma terminação nominal como **-da**.

(4) "Bom primeiro comprei uma sapateira veio com uma rasura numa das partes, queriam que devolvesse mas como se já **tinha abrido** todas as..." (https://www.reclameaqui.com.br/mercado-livre/nao-ajudam-a-gente_IWnmH31no0_tqJdH/)

Os verbos **ver** e **vir**, que só possuem formas participiais irregulares, associam-se a nominalizações em **-ada** derivadas exclusivamente de suas formas participiais irregulares, como vemos nos exemplos abaixo. O mesmo acontece com o verbo **escrever** para muitos falantes (como é o meu caso; cf. nota 2), ainda que tais nominalizações com esse verbo ocorram bem raramente, talvez por ser tipicamente um verbo de criação (cf. Medeiros, 2008, 2010). Para os verbos **ver** e **vir**, não encontrei

favor da derivação das nominalizações a partir do particípio passado, uma vez que, nos casos em que o verbo só possui forma irregular para todos os falantes, a nominalização é derivada desta forma.

nenhuma outra forma de nominalização em **-ada** que pudesse ser derivada da mera sufixação de terminações como **-ada** ou **-da** ao tema verbal correspondente.

(5) a. "**Dei uma escrita** sobre o problema de criminalizar ou restringir discurso de ódio. Ele inicialmente poderia responder e surpreendentemente não..." (https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=%22dei+uma+escrita%22#vhid=zephyr:0&vssid=atritem-https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/4095/2/PDF%2520-%2520Jo%25C3%25A30%2520Pedro%2520Gomes%2520Alves%2520Ferreira)

b. "Sky **deu uma vista no documento**, olhou o recibo do dinheiro e preparou-se para assinar. Que maçada ter que tratar de negócios no Carnaval... Cem mil..." (https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/025909/per025909_1946_00011.pdf)

c. "Viventes, **dei uma vinda** rápida aqui em casa, mas voltarei em seguida pro Hospital Vila Nova para fazer companhia pra mãe - e munido de guarda-chuva, pois..." (https://x.com/papodebola/status/1788672810933535143)

Com relação ao verbo **cobrir**, não encontrei ocorrências de nominalizações derivadas do particípio irregular. No entanto, encontrei algumas ocorrências da forma **cobrida**, como vemos em (6).

(6) "Hj a neve que caiu **deu uma cobrida**, porém a partir do final da Graeff pra cima nao se enxergava nada. Eh torcer pra nevar bastante essa noite e torcer tb pra..." (https://www.snowbrasil.com.br/master.html?https://www.snowbrasil.com.br/forum/showthread.php?p=19296)

Interessantemente, uma busca informal no Google mostrou que uma forma regular participial do verbo **cobrir** parece ser muito usada, muito mais usada do que a forma **abrido** de que tratei acima.

(7) “Até o início dessa semana, a busca **tinha cobrido** uma área entre 10 e 17 quilômetros nas margens do rio, a partir de buscas superficiais.” (https://arede.info/ponta-grossa/550484/bombeiros-encerram-busca-de-homem-desaparecido-no-tibagi)

Ao que tudo indica, portanto, as chamadas nominalizações em **-ada** não são, de fato, nominalizações em **-ada** ou em **-da**, mas nominalizações derivadas de formas participiais de verbos.

Outra evidência que costuma ser apresentada para considerar que essas formas nominais são derivadas de particípios passados é a mudança da vogal temática de segunda conjugação para a de terceira nessas nominalizações (por exemplo, Ippolito, 1999; Medeiros, 2008). Uma vez que isso acontece sempre nos particípios passados, a mudança da vogal no tema verbal serviria de argumento para supor que há um particípio passado no interior da forma nominal sob análise.

(8) a. **vender – vendido**

b. “Aí ele **deu uma vendida** no próprio peixe, comparando essa abordagem com a da empresa dele, a Goat, que foca em planejamento financeiro e...” (https://podnoticias.com.br/pod-noticias-005-tendencias-de-publicidade-em-podcast-em-2024/)

No entanto, apesar de a mudança ser necessária se a nominalização é de fato derivada de um particípio, ela não conta como razão suficiente para se afirmar que a nominalização é derivada de um particípio, uma vez que outras formas de nominalização envolvem exatamente a mesma mudança na vogal temática, como vemos abaixo.

(9) a. esclarecer – esclarecimento
b. render – rendimento
c. perder – perdição
d. render-se – rendição

Ou seja, minha demonstração de que as nominalizações em **-ada** são derivadas de particípios passados baseia-se fortemente na ideia de que verbos que só têm

particípio irregular geram formas nominais baseadas nesses particípios passados irregulares, e não em um tema verbal seguido de um sufixo **-ada** ou **-da**. Mas, como reforço, podemos alegar, ainda, que a vogal temática do verbo muda exatamente como ocorre nas formas participiais, e, portanto, no mínimo, é um erro chamar essas formas nominais de "nominalizações em **-ada**".

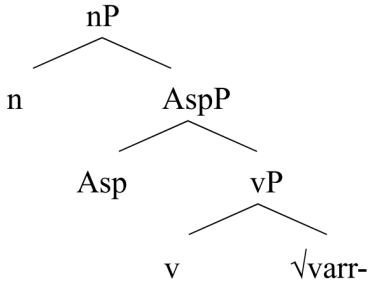
Então, qual é a estrutura morfossintática dessas formas nominais?

Como coloquei anteriormente, sempre que há um particípio regular disponível, este é o escolhido para gerar a nominalização em análise. E, como se pode ver na lista (2) acima, esta também é a forma preferida para o verbo principal em tempos compostos. Sempre que há duas formas disponíveis, a forma irregular realizará o particípio da voz passiva ou de passivas adjetivas (cf. Medeiros, 2008, entre outros), podendo também realizar o tempo verbal composto. No entanto, não ocorre o seguinte: o tempo verbal composto derivado a partir de uma forma irregular de particípio passado, mas a voz passiva derivada de uma forma regular.

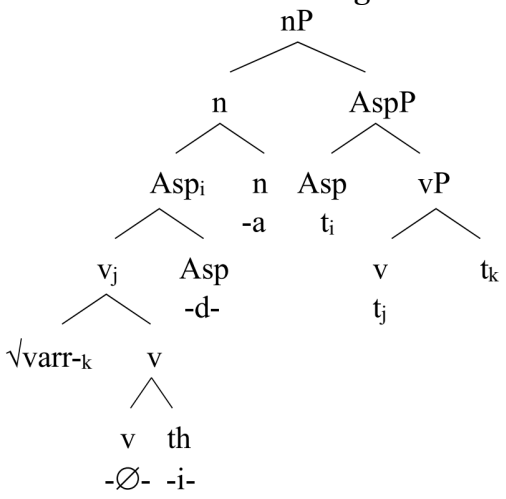
Ora, uma vez que a nominalização em **-ada** é derivada da forma regular dos tempos verbais, e, como assumo em Medeiros (2008), esse particípio realiza informações de aspecto (cf. Giorgi; Pianesi, 1997; Ippolito, 1999; entre outros), proponho aqui que o particípio nos nominais sob análise também realiza um aspecto. Esse aspecto estabelecerá uma limitação temporal no evento denotado pelo verbo, algo semelhante à perfectividade. Supondo que o expoente /d/ é a realização default de núcleos flexionais mais baixos na projeção estendida do vP (Ippolito, 1999; Medeiros, 2008, 2010), temos a seguinte representação da nominalização em **-ada** derivada de verbos (adotando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída; Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997). No exemplo, represento a estrutura da palavra **varrida**.

(10)

a. Sintaxe:



b. Estrutura morfológica:



Uma pergunta que pode surgir ao leitor é a seguinte: como o aspecto pode ser perfectivo ou limitado se frases como (11) a seguir são perfeitamente gramaticais na língua?

(11) Eu estou dando uma varrida no salão.

Nas próximas seções apresentarei uma maneira de compreender este aparente paradoxo.

2. Nominalizações em -ada e as construções com verbo leve (CVL)

As formas nominais estudadas neste capítulo são licenciadas em construções com o verbo leve **dar**. Essas construções se apresentam de quatro maneiras distintas. Os itens a seguir exemplificam cada um dos moldes:

(12) a. A Maria deu uma entortada na roda.
DP (Ag) DAR *uma* V-(a)da *em* DP (Pac)[3]
b. A roda deu uma entortada.
DP (Pac) DAR *uma* V-(a)da
c. Deu uma entortada na roda.
DAR *uma* V-(a)da *em* DP (Pac)
d. O Pedro deu uma nadada.

[3] As siglas Ag e Pac referem-se aos papéis temáticos de agente e paciente, respectivamente.

DP (Ag) DAR *uma* V-(a)da

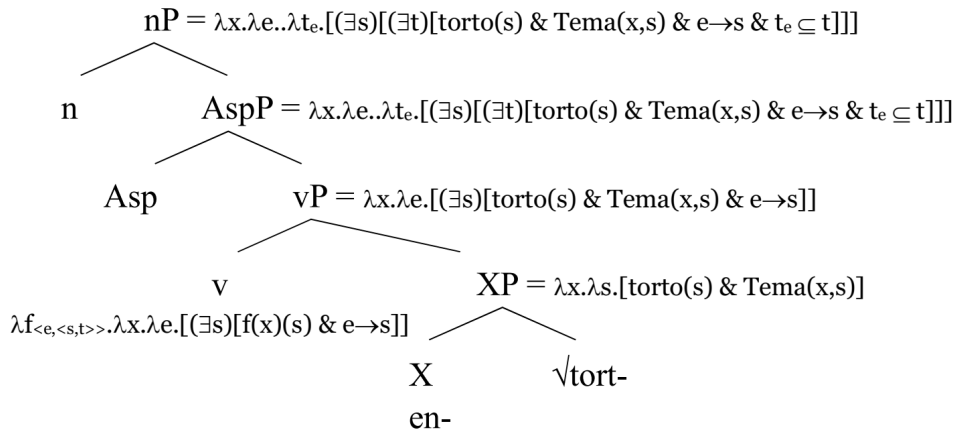
e. *Deu uma nadada no Pedro.
DAR *uma* V-(a)da em DP (Ag)

Os três primeiros exemplos envolvem um verbo alternante (alternância causativo-incoativa) na base da nominalização. Os dois últimos envolvem um verbo intransitivo inergativo. Para verbos de base exclusivamente transitivos, vale o molde (a). Vemos que a natureza do verbo de que a nominalização deriva tem efeitos sobre a projeção dos argumentos na CVL (cf. Samek-Lodovici, 2003, para o italiano). Defenderei aqui, portanto, que o verbo **dar** não introduz, de fato, um evento com características diferentes daquele ao qual a nominalização em seu complemento se refere[4], ainda que tenha influência na maneira como os argumentos da nominalização (e a própria nominalização) serão projetados na estrutura sintática da frase. Mas como podemos representar isso usando as ferramentas disponibilizadas pela semântica formal e pela própria Morfologia Distribuída?

Seguindo Medeiros (2018), vou assumir que (1) em verbos prefixados, o prefixo (quase sempre) introduz uma variável ou posição sintática de argumento interno para o verbo derivado (e. g., Kratzer, 2002; Svenonius, 2004; Bassani, 2012, entre outros); (2) para além da identificação de eventos proposta por Kratzer (1996) entre o vP e o núcleo Voz introdutor de argumentos externos, é possível haver outras identificações entre eventos na estrutura de um sintagma verbal, como, por exemplo, a identificação de um evento introduzido por um complemento e o verbo que projeta o sintagma verbal principal (cf. Medeiros, 2018; Levinson, 2014). Seguindo Medeiros (2024), que adota uma abordagem neodevidsoniana para eventos (cf. Davidson, 1967; Parsons, 1990; Borer, 2005), proponho que os verbalizadores internos a formas nominais podem apresentar alossemas (cf. Marantz, 2013a) que permitem que a posição de complemento de um vP não precise ser saturada por um DP sob certas circunstâncias. Apliquemos essas ideias ao exemplo (12)(a). O cálculo semântico dentro da nominalização segue abaixo:

[4] Vale esclarecer que o verbo **dar** introduz um evento (ou seja, ele tem uma contribuição, ainda que pequena), e, para que haja identificação entre o evento introduzido pelo verbo **dar** e o evento introduzido pelo DP que inclui a nominalização, é preciso que esse DP também denote um evento. Daí a exclusão da única nominalização em **-ada** derivada de verbo de estado de que me recordo, **estada**, que não é licenciada na CVL (*ele deu uma estada na casa da Maria).

(13)



Seguindo Medeiros (2018), o XP com a raiz √tort- e o prefixo **en-** introduzem um estado **s** que é atingido pelo que seria o complemento do verbo **entortar**. O XP, portanto, denota uma função que relaciona uma entidade a um estado (o estado "torto", que tem graus): **x** é a variável para a entidade que atinge o estado **s**, "torto", como decorrência de um processo. No esquema acima, isso é representado pela expressão semântica ao lado de XP.

Se o vP fosse tomado por T numa sentença, XP teria que ser combinado com um DP complemento (fosse ele pleno ou uma categoria vazia), que saturaria o **x** na expressão semântica de XP (cf. Medeiros, 2025). Mas, como esse não é o caso, três outros alossemas estariam disponíveis para **v** no contexto nominal (cf. Medeiros, 2024). O alossema relevante para a CVL – talvez definido pelo próprio aspecto perfectivo acima de vP, que não é c-comandado por um T – seria o que está expresso embaixo de **v**[5] no esquema acima. Ele nos diz que existe um estado **s**, que esse estado será definido pelo constituinte que se combinar com **v** (no exemplo, será o XP que introduz o estado "torto"), que esse estado é o de uma entidade **x** ainda não definida e que um evento ou atividade não especificados[6] causam (continuamente) esse estado.

[5] Em sentenças como (i) a seguir, suponho que o PP **da roda** seja um complemento realizado que satura diretamente a variável x do verbo **entortar** dentro da nominalização **entortada** (em **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, seria inserida num especificador projetado por XP). Na CVL, a saturação acontece de outra maneira, como veremos a seguir.

(i) A entortada da roda (da bicicleta) foi grande e me deu o maior tombo.

[6] Note-se que quando alguém afirma que a Maria entortou a roda, não especifica que atividade Maria realizou para causar o entortamento da roda. A raiz verbal somente indica que tipo de estado o complemento do verbo atinge. Como "torto" é um estado com graus, o evento inespecífico introduzido por v pode causar continuamente graus sucessivos do estado "torto" na roda, enquanto esse evento estiver se desenrolando no tempo.

Combinando **v** com XP e usando aplicação funcional (Heim; Kratzer, 1998; Ferreira, 2019), temos a expressão semântica ao lado do vP em (13), já com o tipo de estado definido, mas ainda com as variáveis **x** (de entidades) e **e** (de eventos) insaturadas (ou não quantificadas). O núcleo aspectual acima toma o vP e coloca o tempo do evento **e** dentro de outro intervalo de tempo, encerrando-o completamente em algum tempo de referência. Ou seja, o núcleo aspectual, aqui, delimita temporalmente o evento **e** agregado à estrutura por v. Proponho que o nó aspectual tenha a definição semântica dada em (14) a seguir. Nesta definição, **t** é um intervalo de tempo que contém o intervalo $\mathbf{t_e}$, intervalo em que o evento **e** se desenrola[7]. A expressão ao lado do nó AspP, em (13), portanto, dirá que existem um intervalo de tempo **t** e um estado **s** tais que o estado é "torto", **x** atinge o estado **s**, o evento **e** causa (continuamente) **s** e $\mathbf{t_e}$ está contido em **t**. É importante notar que a expressão do nó aspectual não relaciona **t** e $\mathbf{t_e}$ a outros tempos. O vínculo de $\mathbf{t_e}$ a outro tempo ocorrerá através do verbo **dar** e do núcleo de tempo T mais alto na espinha dorsal da sentença. Veremos isso mais adiante. Vale notar também que o tempo de referência **t**, na nominalização, fica isolado do cálculo posterior, servindo apenas ao propósito de indicar uma limitação temporal arbitrária ao evento.

(14) $[[\text{Asp}]] = \lambda f_{<e,<s,t>>}.\lambda x.\lambda e.\lambda t_e.(\exists s)[(\exists t)[f(x,e) \,\&\, t_e \subseteq t]]$[8]

Como em Medeiros (2024), adotarei a ideia de que o núcleo nominalizador **n** não contribui para o cálculo semântico da expressão, sendo somente uma função identidade. Ou, por outros termos, se **n** nominaliza um sintagma verbal, o alossema de **n** será uma função identidade.

Neste estágio da pesquisa, proponho, ainda, que, no contexto da CVL, o artigo indefinido que precede a nominalização tampouco contribui para o cálculo semântico. Algo semelhante parece ocorrer em situações como (15)(a) a seguir, onde o nome tomado pelo artigo estabelece a predicação e o artigo indefinido não contribui com a quantificação existencial esperada em outros contextos, como ocorre em (15)(b), cuja

[7] Adoto, aqui, a ideia de que as flexões temporais e de aspecto expressam relações entre intervalos de tempo, como proposto por Klein (1992). No entanto, não adoto a restrição a somente três intervalos temporais (tempo tópico (TT), tempo do evento (ST) e tempo da fala (UT)) que encontramos no artigo de Klein, entre outros. Trabalho com a ideia de uma articulação recursiva de tempos (como em, por exemplo, Verkuyl, 1999), mas envolvendo o argumento evento (por ex. Kratzer, 2002).

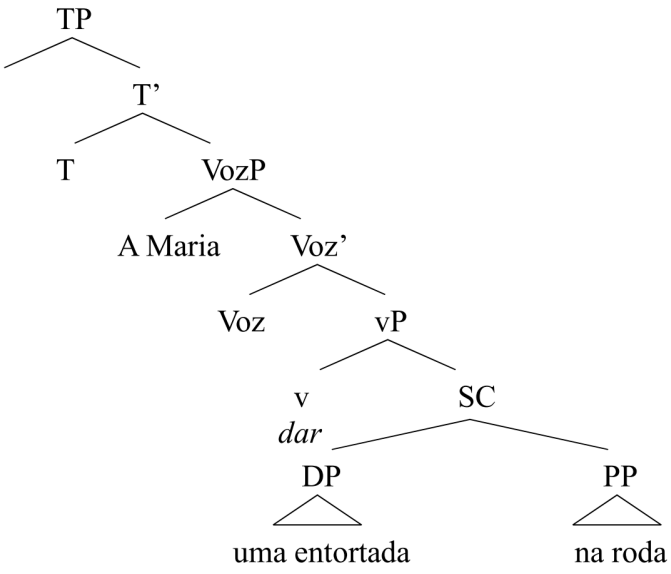
[8] Essa função será de tipo <<e,<s,t>>,<e,<s,<i,t>>>>, onde **i** é o tipo dos intervalos de tempo, cuja variável será expressa pela letra **t** nas fórmulas abaixo (por ex., Verkuyl, 1999).

forma lógica simplificada seria: existe um x tal que x é um rapaz, x é alto e x entrou na sala de conferências. Uma vez que essa é uma das possibilidades de leitura do determinante indefinido (cf. Heim, 1982), proponho que ela também seja mobilizada no contexto da nominalização em análise.

(15) a. O Pedro é um rapaz alto.
b. Um rapaz alto entrou na sala de conferências.

Agora, vejamos o que ocorre semanticamente acima do nível da nominalização. Proponho a estrutura a seguir para a sentença (12)(a), ainda sem movimentos sintáticos. Essa estrutura é a mesma proposta por Medeiros (2008), que se inspira (com diferenças importantes) nas propostas de Marantz (2006, 2013b) e Pylkkänen (2008), entre outros.

(16)



Aqui, (a) o evento introduzido pelo verbo leve será identificado com o evento introduzido pelo núcleo Voz acima dele (cf. Kratzer, 1996); e (b) o evento introduzido pela nominalização será identificado com o evento introduzido pelo verbo leve (cf. Medeiros, 2018). Proponho uma SC abaixo do verbo **dar** porque temos, com efeito, uma relação de predicação na qual o sintagma preposicional toma como argumento o DP que contém a nominalização – no exemplo, **entortada** (cf. (19) e (20)). Ademais, para muitos autores, como Marantz (2006, 2013b) e Pylkkänen (2008), verbos bitransitivos como **dar** selecionam tipicamente **small-clauses**, que relacionam o que

a tradição gramatical chama de objeto direto e objeto indireto. E isso seria mais uma razão para termos uma **small-clause** ali, mesmo que o verbo leve **dar** replique as seleções semânticas (e argumentais) do verbo de base da nominalização em **-ada**. Veremos mais adiante que isso também ocorrerá com a versão "incoativa" da CVL correspondente. Por fim, vale ainda esclarecer que o objeto direto no exemplo, a expressão **uma entortada**, terá Caso estrutural acusativo atribuído pelo núcleo Voz anexado acima do verbo **dar** (cf. Kratzer, 1996).

A identificação do evento introduzido pelo verbo leve com o evento denotado pela nominalização fará com que as características do evento introduzido por **dar** sejam as mesmas do evento introduzido pelo vP interno ao nominal em **-ada**, ou seja, as mesmas seleções semânticas – em interação com a seleção categorial do verbo **dar** – e o mesmo conteúdo enciclopédico. Por isso, as típicas seleções dos verbos de base da nominalização projetam-se por meio do verbo **dar** na CVL, como vemos em (12).

Mas qual seria a contribuição da preposição **em** nas CVLs? Defenderei que essa preposição introduz uma relação parte-todo (cf. Medeiros, 2008; 2010), entendendo o tema ou paciente de um evento como o lugar onde esse evento se realiza. Minha proposta é que, uma vez que há uma limitação aspectual arbitrária sobre a duração do evento denotado pelo vP dentro da nominalização, sem que o complemento do verbo esteja dentro desse vP para definir um telos para o evento, temos as seguintes possibilidades de leitura: (a) nos casos de vPs com tema incremental, o evento denotado não varre necessariamente toda a extensão daquilo que seria seu complemento direto; (b) se o vP interno à nominalização implica um estado com graus, o grau atingido por esse estado é menor ou igual a um grau esperado, no contexto, para o estado atingido pelo que seria o complemento do vP interno à nominalização; (c) se o vP denota outro tipo de evento culminado (**accomplishment**; cf. Vendler, 1967) o evento não necessariamente culmina. Essa seria a razão para a típica interpretação diminutivizada (Scher, 2005) ou detelicizada (Basso, manuscrito) associada a essas formas[9].

Ou seja, detelicização e diminutivização não são interpretações derivadas de propriedades morfossintáticas e semânticas da nominalização mesma, mas uma consequência de um cálculo pragmático baseado nas seguintes cláusulas: (1) as

[9] Existe outro pressuposto implícito: que graus dos estados e extensões dos complementos serão sempre menores ou iguais aos supostos ou esperados, nunca maiores, ainda que esta opção seja outra possibilidade lógica da proposta.

expressões em que o complemento quantificado é tomado diretamente pelo verbo são tipicamente interpretadas como eventos culminados se as propriedades semânticas do verbo assim o permitirem; (2) se o falante escolhe usar uma estrutura em que não se garante que o telos ou grau esperado do evento em questão sejam atingidos, é porque está querendo dizer que o telos ou grau esperado não foram alcançados (escolhendo esta construção para expressar que o telos foi atingido, o falante estaria usando uma expressão mais fraca do que deveria, violando a máxima da quantidade; cf. Grice, 1975).

Se o raciocínio acima está correto, é possível anular a detelicização ou diminutivização em determinadas situações (por se tratar de implicatura conversacional; cf. Grice, 1975). E isso de fato acontece. Vejam-se os exemplos a seguir[10]:

(17) a. Cláudio deu uma varrida completa na sala. Ficou sem um tufo.
b. Maria deu uma percorrida na orla e a mediu em passos.
c. Regina deu uma lida atenta em todas as páginas do documento.

Em (17)(a) está claro que Cláudio cobriu toda a extensão da sala e conseguiu atingir a culminação do evento de varrê-la; o mesmo vale para (17)(b), pois o próprio prefixo aponta para uma culminância do evento, indicando que toda a extensão da orla foi coberta pela atividade a que o vP interno à nominalização se refere; em (17)(c) todas as páginas do documento foram lidas com atenção, e, portanto, o telos foi atingido.

Voltando agora à discussão sobre o significado das partes componentes da CVL, e levando em consideração o que foi defendido nos parágrafos logo acima, proponho a seguinte definição semântica para a preposição **em** na CVL:

(18) $[[em]] = \lambda y.\lambda f_{<e,<s,<i,t>>>}.\lambda e.\lambda t_e.(\exists x)[f(x,e) \,\&\, x \leq y]$

A definição (18) diz que a preposição locativa **em** toma uma entidade e essa entidade incluirá ou será idêntica à referência do complemento do vP interno à nominalização.

[10] Os exemplos na sequência são problemáticos para propostas como as de Basso (ms.) e Scher (2006), uma vez que estas apostam na ideia de que a estrutura morfossintática da nominalização deteliciza o evento. Se isso fosse verdade, teríamos uma implicatura convencional, que não poderia ser desfeita – o que os exemplos contradizem.

Combinando a preposição com seu complemento em (12)(a) via aplicação funcional (Heim; Kratzer, 1998; Ferreira, 2019), temos o seguinte:

(19) [[PP]] = [[em]]([[a roda]]) = $\lambda f_{<e,<s,<i,t>>>}.\lambda e.\lambda t_e.(\exists x)[f(x,e) \& x \leq \text{a-roda}]$

O PP agora predicará sobre a expressão **uma entortada**, no sintagma SC em (16), e teremos a seguinte expressão, combinando (19) com (13):

(20) [[SC]] = [[PP]]([[DP]]) = $[\lambda f_{<e,<s,<i,t>>>}.\lambda e.(\exists x)[f(x,e) \& x \leq \text{a-roda}]]([\lambda x.\lambda e.\lambda t_e.(\exists s)[(\exists t)[\text{torto}(s) \& \text{Tema}(x,s) \& e \rightarrow s \& t_e \subseteq t]]]) = \lambda e.\lambda t_e.(\exists x)[(\exists s)[(\exists t)[\text{torto}(s) \& \text{Tema}(x,s) \& e \rightarrow s \& t_e \subseteq t \& x \leq \text{a-roda}]]]$

Combinando o verbo **dar** com a SC e aplicando a identificação de eventos proposta acima, o vP em (16) terá uma extensão idêntica à resultante em (20). Ou seja:

(21) $[[vP]] = \lambda e.\lambda t_e.(\exists x)[(\exists s)[(\exists t)[\text{torto}(s) \& \text{Tema}(x,s) \& e \rightarrow s \& t_e \subseteq t \& x \leq \text{a-roda}]]]$

Aplicando agora a identificação de eventos entre Voz e vP, semelhantemente à proposta de Kratzer (1996), teremos, para o nó Voz' em (16), o que segue:

(22) $[[\text{Voz'}]] = \lambda z.\lambda e.\lambda t_e.(\exists x)[(\exists s)[(\exists t)[\text{torto}(s) \& \text{Tema}(x,s) \& e \rightarrow s \& t_e \subseteq t \& x \leq \text{a-roda} \& \text{Agente}(e,z)]]]$

Na etapa seguinte, o argumento externo é inserido na estrutura e satura a variável *z*. Isso faz com que o nó VozP tenha a extensão abaixo:

(23) $[[\text{VozP}]] = \lambda e.\lambda t_e.(\exists x)[(\exists s)[(\exists t)[\text{torto}(s) \& \text{Tema}(x,s) \& e \rightarrow s \& t_e \subseteq t \& x \leq \text{a-roda} \& \text{Agente}(e, \text{a-Maria})]]]$

Como a denotação de VozP é uma função de eventos em valores de verdade, e o núcleo de tempo T pede por uma função de eventos em seu domínio (e.g., Kratzer, 2002), temos o resultado esperado, com a boa consequência de o tempo do evento

denotado pela nominalização estar numa relação explícita com o tempo da fala. Assim, as condições de verdade da sentença em TP serão as que estão descritas em (24) e no parágrafo que a segue[11].

(24) [[TP]] = [[a Maria deu uma entortada na roda]] = 1 sse $(\exists t_f)[(\exists t_e)[(\exists e)[(\exists x)[(\exists s)[(\exists t)[$torto(s) & Tema(x,s) & $e \rightarrow s$ & $t_e \subseteq t$ & $x \leq$ a-roda & Agente (e, a-Maria) & t_e precede t_f]]]]]]

Ou seja, a sentença **a Maria deu uma entortada na roda** será verdadeira se e só se existe um evento **e**, inespecífico, cujo agente é Maria, e um estado **s**, que é o estado "torto", atingido pela roda em um grau menor ou igual a um parâmetro contextualmente definido, ou atingido por somente parte da roda[12]. O tempo do evento **e**, que está contido em outro tempo, é anterior ao tempo em que a frase é dita. O tema de **entortar** é saturado através de um sintagma preposicional. Não há relação estabelecida de precedência ou superposição entre o intervalo de tempo que contém o tempo do evento (introduzido pelo Asp dentro da nominalização) e o tempo da fala: a relação é indireta, tendo como elemento comum o tempo do evento. A leitura em que o parâmetro de 'entortamento' esperado não foi necessariamente atingido, ou a roda inteira não necessariamente entortou, é deflagrada pelo cálculo pragmático discutido acima, que produz a tal leitura "diminutivizada" ou "detelicizada" do 'entortamento' na maioria das situações.

Da maneira como o cálculo semântico é desenvolvido acima, é possível haver uma leitura de aspecto imperfeito mesmo para o evento denotado pela nominalização em **-ada**: esse evento pode conter um intervalo de tempo de referência que contém, por outro lado, o tempo da fala (**speech time**), e assim conseguimos a leitura correta para a sentença (25) a seguir:

(25) A Maria está dando uma entortada na roda.

---

[11] A definição que estou adotando para T é bem simplificada:

(i) $[[T]] = \lambda f_{<s,<i,t>>}.(\exists t_f)(\exists t_e)[f(e)$ & t_e precede $t_f]$,

onde t_f é o tempo da fala (**speech time**).

[12] Apesar de estar mencionando graus na discussão, não estou incluindo na expressão semântica qualquer menção a escalas ou graus. Isso tornaria a representação, que já é razoavelmente extensa e complicada, em algo ainda mais difícil, e não é muito relevante para as elaborações deste artigo. Para uma discussão clássica sobre graus em adjetivos e verbos derivados de adjetivos, ver Kennedy e McNally (2005); para referências sobre verbos e graus em português brasileiro, ver, por exemplo, Gomes (2018) e trabalhos lá citados.

Temos então dois tempos de referência independentes um do outro envolvidos em frases como essa. Um dos tempos de referência está preso dentro da nominalização e serve somente ao propósito de delimitar temporalmente o evento (atividade) denotado por essa forma nominal. O outro é introduzido pela estrutura mais alta, contendo os núcleos da projeção estendida do sintagma verbal: Asp, realizado pelo gerúndio do verbo **dar**, e T, realizado pela cópula do tempo progressivo **estar**. A expressão final do TP de uma frase como (25) seria a seguinte.

(26) [[TP]] = [[a Maria está dando uma entortada na roda]] = 1 sse $(\exists t_f)[(\exists t_e)[(\exists t_r)[(\exists e)[(\exists x)[(\exists s)[(\exists t)[$torto(s) & Tema(x,s) & $e \rightarrow s$ & $t_e \subseteq t$ & $x \leq$ a-roda & Agente (e, a-Maria) & $t_f \subseteq t_r \subseteq t_e]]]]]]]$

Aqui, $\mathbf{t_r}$ é um tempo de referência que será introduzido pelo gerúndio do verbo **dar**. Esse gerúndio estabelece que o tempo do evento, $\mathbf{t_e}$, contém o $\mathbf{t_r}$. O núcleo T acima do aspecto, que albergará o traço de tempo presente e o auxiliar, estabelecerá que o $\mathbf{t_r}$ contém o $\mathbf{t_f}$ (tempo da fala). Desta forma, não há contradição entre o aspecto dentro da nominalização e o aspecto da sentença. O aspecto interno à nominalização indica que o evento é delimitado no tempo, pois sua duração está contida em um intervalo finito, mas ainda é possível assumir uma segunda perspectiva, externa (de aspecto perfeito) ou interna (de aspecto imperfeito) a ele, a partir do tempo verbal expresso no verbo leve **dar**. Ou seja, é como se assumíssemos uma perspectiva externa e interna ao mesmo tempo sobre a constituição do evento no exemplo (25). Importante ainda salientar que se o sistema se restringisse a somente três intervalos ou pontos temporais, como é o caso dos sistemas de Klein (1992), Reichenbach (1947) e outros derivados deste, como os de Hornstein (1990) e Giorgi e Pianesi (1997), expressar essa ideia seria impossível.

É preciso, ainda, explicar como tratamos de casos como os que encontramos em (12)(b)-(d). Como afirmei anteriormente, a identificação de eventos entre o evento introduzido pelo verbo leve e o introduzido pela forma nominal faz com que a projeção de argumentos na CVL acompanhe a projeção de argumentos do sintagma verbal no interior da nominalização. Ora, como o verbo **entortar** é um verbo alternante, a anexação do núcleo Voz introdutor de argumento externo será opcional acima do verbo

dar – como o é no verbo alternante. Mas como derivamos (12)(b) e (12)(c), um com a preposição e outro sem a preposição?

A derivação de (12)(c) será quase igual à desenvolvida acima para (12)(a), com a forma nominal e a preposição mantendo as mesmas denotações. A diferença é que não entrará o núcleo de Voz acima do vP encabeçado pelo verbo leve. Para que o DP **uma entortada** adquira Caso, devemos supor que um expletivo ocupa a posição de especificador de T "transferindo" seu Caso nominativo para este DP, numa cadeia não trivial (por ex., Chomsky, 1995; Hornstein et al., 2005). Com relação a (12)(b), proponho, para esta frase, a estrutura sintática (27), na qual o DP sujeito, em sua posição de base, fica fora do escopo do núcleo aspectual perfectivo da forma nominal **entortada**[13]. Isso cria uma interpretação segundo a qual o tempo do evento é menor ou igual ao tempo necessário para que o evento varresse ou modificasse toda a extensão do complemento. A interpretação "diminutivizada" tem, portanto, uma explicação semelhante à fornecida anteriormente. Como não há preposição envolvida, o DP não recebe Caso estrutural de nenhum núcleo e precisa ser alçado.

Um dos avaliadores pergunta por que, então, é o DP **a roda**, no exemplo, que sobe para o especificador do TP, não o DP **uma entortada**, já que ambos são DPs e precisariam de Caso. Na verdade, no esquema (27), que é uma descrição estrutural parcial da frase **a roda deu uma entortada**, o que temos é uma inversão da função de predicação: enquanto nos exemplos envolvendo a preposição locativa é o PP que predica, sendo o DP com a nominalização o seu argumento externo, aqui é o DP com a nominalização que predica, com o DP **a roda** sendo seu argumento "externo". E tal qual frases como **João é um bom rapaz**, em que há uma **small-clause** e dois DPs, o DP que estabelece a predicação não precisa de Caso e não sofre deslocamento – é o seu argumento que é deslocado[14].

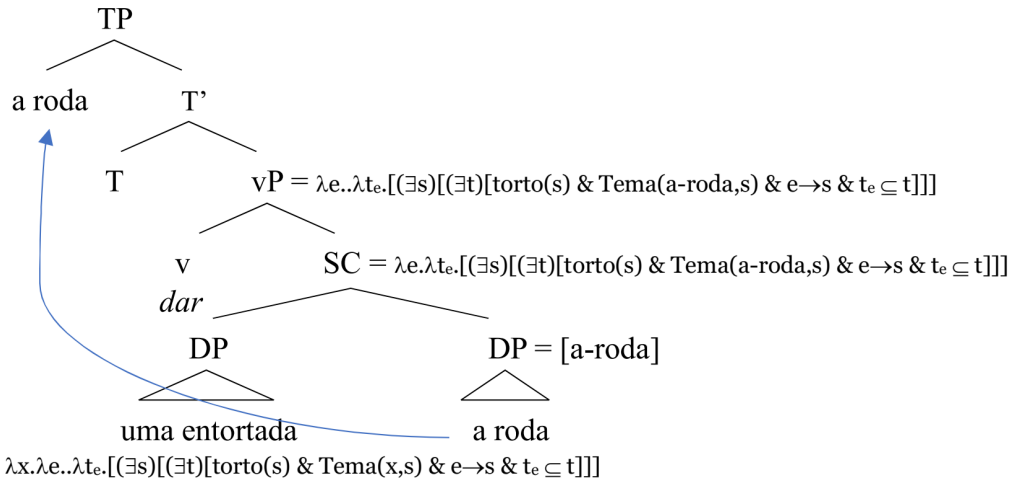
[13] A posição dentro do escopo do aspecto no interior da nominalização seria aquela projetada no vP interno à forma nominal. Como essa posição não está preenchida, e a saturação da variável correspondente ao complemento se dá através da SC: então aquilo que satura a posição de complemento do verbo interno não está no escopo do aspecto, e isso não garante que esse 'complemento' contribua confiavelmente para a consecução do telos, quando este pode existir.

[14] O problema que essa solução coloca é o seguinte: a frase **João deu uma entortada a roda** aparentemente seria gramatical, uma vez que o núcleo de Voz que introduz o argumento externo **João** seria capaz de atribuir Caso para **a roda**, como ocorre nas situações de atribuição excepcional de Caso. Mas, por alguma razão, isso não é autorizado, a não ser, marginalmente, quando esse complemento é um pronome átono dativo ("o cachorro me deu uma mordida"). Não tenho uma boa resposta para essa questão, mas, talvez, isso tenha a ver com uma interação complexa entre a ordem dos constituintes na forma final da frase – em que o DP com a nominalização impede a adjacência linear do verbo transitivo em relação ao complemento que receberia o Caso acusativo – e a perda do caso morfológico dativo, atribuído com auxílio da preposição **a**, pela qual o português brasileiro passa. Sobre essa perda, ver, por exemplo, Salles (2022) e as referências ali citadas.

Importante esclarecer, ainda, que o verbo **dar** subcategoriza ou uma **small-clause** ou um DP (neste último caso, em conformidade com as seleções de nominalizações em **-ada** derivadas de verbos inergativos; cf. abaixo). Considerando as definições semânticas oferecidas pelo DP com a nominalização e o sintagma preposicional locativo, ou um DP é combinado como argumento do DP contendo a nominalização, ou um PP toma como argumento o DP contendo a nominalização. Isso explica por que podemos ter as duas possibilidades: sem preposição locativa e com preposição locativa.

A seguir, a estrutura incluindo o movimento do argumento **a roda**[15]:

(27)



A derivação do exemplo (12)(d) é trivial, com o argumento externo do verbo **nadar** acrescentado à sentença por meio do núcleo Voz acima do verbo **dar**. Nesse caso, qualquer núcleo preposicional locativo será um adjunto ao vP encabeçado pelo verbo leve. Como o verbo **nadar** não tem argumento interno (é inergativo), não há SC abaixo do verbo **dar**.

(28) Pedro deu uma nadada na piscina.

[15] O mesmo avaliador pergunta o que explica a presença da preposição em alguns casos, mas, em outros, não. A ideia é que o verbo **dar** seleciona ou uma **small-clause** ou um DP (neste último caso, em conformidade com as seleções de nominalizações derivadas de verbos inergativos; cf. abaixo). Considerando as definições semânticas oferecidas pelo DP com a nominalização e o sintagma preposicional locativo, as duas possibilidades existem: ou o DP é combinado como argumento do DP contendo a nominalização (através de uma **small-clause**), ou o PP toma como argumento o DP contendo a nominalização (também através de uma **small-clause**).

E uma vez que o único argumento da frase é externo à nominalização, uma sentença como (12)(d) é agramatical.

Para terminar, um breve comentário sobre casos de que não tratarei aqui: aqueles em que o verbo de base da nominalização é transitivo indireto, como em **dar uma conversada com o João** ou **dar uma ida para a praia**. Nesses casos, vou simplesmente assumir que um PP diferente se junta ao DP que carrega a forma nominal sob análise em uma SC, sem introduzir uma relação parte-todo. O PP, com pequenos ajustes em relação ao que propus acima, simplesmente satura a seleção argumental do vP interno à nominalização[16]. A interpretação "diminutivizada" decorre, talvez, da delimitação aspectual que a nominalização impõe ao evento denotado pelo seu verbo de base: como o complemento mais uma vez não está no escopo do aspecto interno à nominalização, o evento terá uma delimitação arbitrária desvinculada do seu ponto final natural (quando existir), e isso deflagrará uma leitura em que o evento é incompleto, mais curto ou 'menor', em alguma dimensão, na comparação com o modo de apresentação verbal desse mesmo evento.

3. Conclusões

Neste capítulo, retomei as ideias principais de Medeiros (2008, 2010) e dei um tratamento formal muito mais completo e rigoroso, explicando diversos detalhes não (ou mal) explicados anteriormente. Usei, aqui, várias ideias desenvolvidas em Medeiros (2018) e Medeiros (2024) para lidar com essas nominalizações, ideias que me permitiram avançar e justificar ainda mais boa parte das intuições e análises propostas em trabalhos anteriores.

Na última seção do capítulo, gostaria somente de dizer que esse tratamento aparentemente se estende a outros casos que envolvem a CVL, mas com nomes simples, como **beijo**, **tiro**, **pau**, etc. Vejam-se os exemplos a seguir:

(29) a. João deu um beijo na avó.
b. O soldado deu um tiro no inimigo.

[16] Um dos pareceristas pergunta se, nesse caso, haveria duas SCs. Não. O DP seria combinado diretamente ao PP que inclui a preposição diferente de **em** por meio de uma SC, de modo que o PP seja argumento "externo" do DP que carrega a nominalização sob análise. Não desenvolverei mais essa ideia por falta de espaço.

c. O computador deu pau.
d. Deu pau no computador.

É como se certos nomes, mesmo simples, tivessem uma estrutura de argumentos implícita, só que mais maleável, ou menos estável, podendo projetar-se quando inserida em uma CVL, e às vezes ganhando seu significado eventivo somente em alguma CVL, como é o caso do nome **pau**. Vou somente esboçar aqui a ideia da interpretação do nome **beijo**. Suporei, seguindo as linhas gerais da proposta de Medeiros (2024; 2025), que o nominalizador **n** pode introduzir variáveis de eventos, a depender da raiz que se combina diretamente com ele, e que ele também possui algumas interpretações alternativas, que podem ser escolhidas com razoável liberdade, a depender do que se quer dizer. Assim, proponho que **n** pode ter as duas leituras a seguir, quando a raiz combinada com ele costumeiramente remete a um evento:

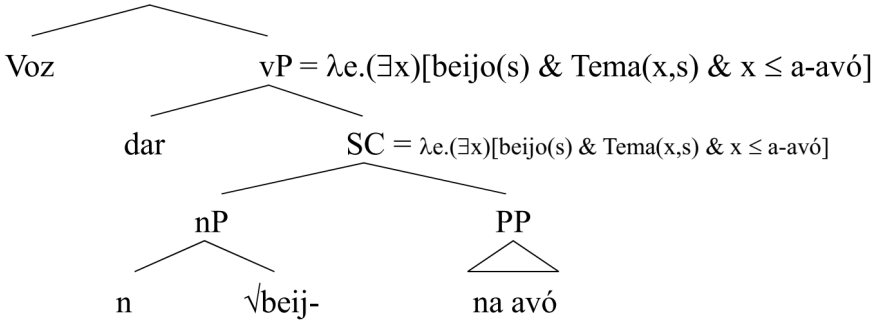
(30) a. λe.R(e)
b. λx.λe.R(e) & Tema (x,e)

Em (32) abaixo, apresento uma estrutura parcial para a frase em (29)(a). Mantendo a mesma extensão para o PP na SC e assumindo que, pelo significado enciclopédico do nome de base, que descreve uma atividade, um núcleo Voz tem que ser anexado acima do vP encabeçado pelo verbo leve, teremos, mais ou menos, o mesmo cálculo semântico que desenvolvemos para a sentença (12)(a) acima. A expressão para o nome **beijo** seria a dada por (31) a seguir, com R sendo substituído pelo conteúdo semântico da raiz de **beijo** e **beijar** (cf. Medeiros, 2024).

(31) λx.λe.beijo(e) & Tema (x,e)

O cálculo semântico é esboçado abaixo e mostra as semelhanças com o que fizemos anteriormente, com a "versão transitiva" do verbo **entortar**.

(32)



O nome **beijo**, por razões semânticas (por denotar um tipo de atividade), só será licenciado se, acima do verbo **dar**, houver um núcleo Voz introduzindo um agente. Nomes como **pau**, por outro lado, por denotarem um estado atingido, podem ocorrer em três estruturas, duas delas anticausativas como as encontradas em (12).

Neste trabalho, espero ter mostrado, de forma mais precisa – e, mais importante, radicalmente composicional – um tratamento razoavelmente completo para as formas nominais em **-ada** derivadas de verbos no contexto das CVLs, com o verbo leve *dar*.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos organizadores deste número especial pela oportunidade que me deram de participar dele com minha contribuição. Gostaria também de agradecer aos pareceristas que, com suas sugestões e perguntas, me ajudaram a esclarecer melhor diversos pontos das propostas contidas neste artigo. Quaisquer erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

Palavras para Ana Scher

Este trabalho e outros da minha carreira não existiriam (pelo menos não do modo como foram pensados e elaborados) se não houvesse a tese de doutorado de Ana Paula Scher sobre o tema das nominalizações em **-ada** no português brasileiro, bem como trabalhos posteriores seus, refinando e ampliando sua abordagem sobre o assunto. Qualquer que seja a pesquisa sobre essa classe de nominalizações, a referência é inevitável, tendo em vista a relevância de sua pesquisa e seu aprofundamento em questões relacionadas à representação aspectual interna a formas nominais derivadas

de verbos. Seus trabalhos pioneiros em Morfologia Distribuída abriram caminho para inúmeras investigações importantes na área. Parabéns a esta grande amiga, que recebe justa homenagem! E que venha muito mais nos próximos anos!

Referências Bibliográficas

BASSANI, Indaiá de Santana. Morphology-syntax interface: the relation between prefixes of Brazilian Portuguese and argument structure. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 18, n. 1, p. 11–20, 2012.

BASSO, Renato. "Dar uma X-ada" e predicados incrementais: o que podem dizer sobre telicidade. Campinas: UNICAMP, manuscrito não publicado.

BORER, Hagit. *Structuring Sense:* Volume II: The Normal Course of Events. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

DAVIDSON, Donald. The logical form of action sentences. In: RESCHER, Nicholas (ed.). *The Logic of Decision and Action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967. p. 81–95.

FERREIRA, Marcelo Barra. *Curso de semântica formal*. Berlin: Language Science Press, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.2600163.

GIORGI, Alessandra; PIANESI, Fabio. *Tense and aspect: from semantics to morphosyntax*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1997.

GOMES, Ana Paula Quadros. Restrições aspectuais à distribuição do advérbio baixo "muito". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 60, p. 198-221, 2018.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (eds.). *Syntax and Semantics: Speech Acts*. v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41–58.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (orgs.). *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111–176.

HEIM, Irene Roswitha. *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. 1982. xiii, 413 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Massachusetts, Amherst, 1982.

HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in generative grammar*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 1998.

HORNSTEIN, Norbert. *As Time Goes By: Tense and Universal Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

IPPOLITO, Michela. On the past participle morphology in Italian. In: ARREGI, Karlos et al. (orgs.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33. Cambridge, MA, 1999. p. 111–137.

KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. scale structure and the semantic Typology of Gradable Predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345–381, 2005.

KLEIN, Wolfgang. The Present Perfect Puzzle. *Language*, v. 68, n. 3, p. 525–552, 1992.

KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie (orgs.). *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 109–137.

KRATZER, Angelika. *The event argument and the semantics of verbs*. Manuscrito não publicado, 2002.

LEVINSON, Lisa. The ontology of roots and verbs. In: ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit; SCHÄFER, Florian (eds.). *The Syntax of Roots and the Roots of Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 208–229. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780199665266.003.0010.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis et al. (orgs.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, 1997. p. 201–225.

MARANTZ, Alec. *Argument structure and morphology: noun phrases that name events*. Manuscrito. New York University, 2006.

MARANTZ, Alec. Locality domains for contextual allomorphy across the interfaces. In: MATUSHANSKY, Ora; MARANTZ, Alec (orgs.). *Distributed morphology today: morphemes for Morris Halle*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013a. p. 95–115.

MARANTZ, Alec. Verbal argument structure: events and participants. *Lingua*, Amsterdam, v. 130, p. 152–168, 2013b.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. 2008. 315 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Aspecto e estrutura de evento nas nominalizações do português do Brasil: revendo o caso das nominalizações em –ada. *Revista Letras*, Curitiba, n. 81, p. 79–102, 2010.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Considerações sobre a estrutura argumental dos verbos. In: MEDEIROS, Alessandro Boechat de; NEVINS, Andrew (orgs.). *O apelo das árvores: estudos em homenagem a Miriam Lemle*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 231–298.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Compositionality in verbs and nominalizations: a (radically) formal approach. *Isogloss: Open Journal of Romance Linguistics*, v. 10, n. 6, p. 1–40, 2024.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. “A seleção deste tema para escrever um artigo interessante”: um estudo sobre nominais de evento complexo não deverbais. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 27, n. 2, e242610, 2025.

PARSONS, Terence. *Events in the semantics of English*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

PYLKKÄNEN, Liina. Introducing arguments. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan, 1947.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Prepositions in Brazilian Portuguese: on the rise of a novel system. *Revista LinguíStica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1–24, 2022.

SAMEK-LODOVICI, Vieri. The internal structure of arguments: evidence from complex predicate formation in Italian. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 21, p. 835–881, 2003.

SCHER, Ana Paula. Nominalizações em –ada em construções com o verbo leve *dar* em português brasileiro. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, 2006.

SCHER, Ana Paula. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em –ada no português do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SVENONIUS, Peter. Slavic prefixes inside and outside VP. In: SVENONIUS, Peter (org.). *Special issue on Slavic prefixes*. *Nordlyd*, v. 32, n. 2, p. 205–253, 2004.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97–121.

VERKUYL, Henk J. Tense, Aspect and Aspectual Composition. In: HELLAN, Lars; DIMITROVA-VULCHANOVA, Mila (org.). *Topics in South-Slavic Syntax and Semantics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 123–162.